ISSN: 2358-8829

LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA: KURUMI GUARÉ NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

Francineide dos Anjos Teixeira [1]
Delma Pacheco Sicsú [2]

INTRODUÇÃO

Este é resultado de um estudo proveniente do Mestrado Profissional em Processos e Tecnologias Educacionais (PROFEDUCATEC -UEA/CESP), realizado no ambiente escolar, a ação realizou-se em parceria com o PIBID, explorando os multiletramentos nos textos literários indígenas. Sendo assim, os objetivos foram trabalhar a literatura indígena na sala de aula, analisando a compreensão dos aspectos místicos presentes na narrativa, enfatizando a diversidade cultural e suas relações com o meio em que se vive. Além de identificar diferentes linguagens inscritas na obra literária "Kurumi guaré no coração da Amazônia" do autor indígena Yaguarê Yamã.

Nesse contexto, o processo de multiletramento no espaço escolar precisa de reconhecimento da variedade de textos multimodais, incluindo as diferentes formas de interpretação, a diversidade de elementos que levam a construção do sentido do texto e da leitura. A literatura indígena brasileira, por exemplo, possui essa composição multimodal, além da escrita há outros elementos na composição do texto que ajudam na compreensão do significado global, os elementos visuais, destacam-se os grafismos, os quais não devem ser vistos apenas como simples ilustrações, pois possuem sentidos que foram construídos social e culturalmente (Thiél, 2012).

O texto literário de Yamã mostra como os ensinamentos dos mais velhos da aldeia são repassados às crianças por meio da oralidade, contar histórias vai muito além de simplesmente ouvir e recontar, possui um aprendizado em cada uma delas. A obra

[1] Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA/CESP. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Mestranda em Processos e Tecnologias Educacionais – PROFEDUCATEC, pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA/CESP. Professora da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Amazonas (SEDUC/AM), fdat.mte26@uea.edu.br
[2] Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília(UnB). Docente do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA/CESP); docente do Mestrado ProfEducaTec na Universidade do Estado do Amazonas (UEA/CESP). dsicsu@uea.edu.br

enfatiza que cada criança tem um espírito protetor representado por um animal, há também as entidades da floresta e o uso de palavras indígenas em todos os capítulos, como estratégia de manter viva a cultura e os aspectos linguísticos. A diversidade cultural e os saberes ancestrais são valorosos para cultura Maraguá e representam uma forma de resistência.

METODOLOGIA

O estudo foi baseado na metodologia de pesquisa bibliográfica esse procedimento analisa materiais já publicados. Segundo Gil (2002, p 44), "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".

A abordagem utilizada foi a qualitativa por analisar e interpretar o conteúdo de artigos e livros, pois dá ênfase na interpretação, compreensão de teorias e síntese de ideias. O procedimento foi o método sistemático que visa analisar os materiais publicados sobre a temática, levando em consideração o problema em evidência. A revisão sistemática da literatura "possui alto nível de evidência e se constitui em um importante documento para tomada de decisão nos contextos públicos e privados" (Galvão e Ricarte, 2019, p. 59).

Na primeira etapa destaca-se a escolha do tema e da obra literária indígena "Kurumi guaré no coração da Amazônia", que foi objeto de estudo, esta fase tornou-se importante porque a temática escolhida possibilitou a realização da pesquisa bibliográfica, seguido do levantamento bibliográfico preliminar, o qual "pode ser entendido como estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado" (Gil, 2002, p. 61).

A leitura do material, realizou-se desde a escolha do tema, fez-se então, uma leitura exploratória, a qual "pode ser comparada à expedição de reconhecimento que fazem os exploradores de uma região desconhecida. É feita mediante o exame da folha de rosto, dos índices da bibliografia e das notas de rodapé" (Gil, 2002, p. 77). Na sequência, houve uma leitura mais profunda, que é a leitura seletiva, para seguir para leitura analítica, na qual tem-se a finalidade de ordenar as informações na tentativa de se obter respostas ao problema investigado.

E por último a etapa que se realizou a leitura interpretativa, nesta fase buscou-se um significado mais amplo durante a leitura, visto que o pesquisador fará uso de seu conhecimento prévio obtido sobre a temática e dialogará com o autor do texto. Assim, "Interpretar, em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas" (Severino, 2007, p. 59).

As etapas do desenvolvimento do trabalho na sala de aula iniciaram com a apresentação da obra e do autor Yaguarê Yamã, em seguida os alunos foram estimulados a realizar a leitura da obra "Kurumi guaré no coração da Amazônia", um tempo foi estabelecido para a leitura, na sequência eles compartilharam a leitura dos capítulos com os colegas, para finalizar fizeram uma reflexão sobre o que aprenderam com a leitura.

Após esta fase, realizou-se a análise do desenvolvimento do trabalho na sala de aula e foi possível identificar a compreensão dos alunos sobre a obra, suas reflexões sobre a literatura indígena e a composição do texto multimodal, o qual apresenta além da escrita, os grafismos para completar o sentido textual. A ilustração reforça a que "as textualidades indígenas são multimodais e trazem para o universo impresso elementos visuais" (Thiél, 2012, p. 98). A análise detalhada está nos resultados que serão apresentados após o referencial.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. TEXTOS LITERÁRIOS INDÍGENAS MULTIMODAIS

Na obra de Yaguarê Yamã (2007) é possível identificar os multiletramentos por meio de textos multimodais, cada história contada pelo autor vem acompanhada de uma ilustração e grafismos indígenas, tradicionais dos povos originários, "é inverídico afirmar que os indígenas são povos ágrafos, uma vez que os grafismos estão presentes há gerações em cerâmicas, tecidos, utensílios, tatuagens entre outros" (Prado, 2025, p. 37).

A escrita e os grafismos tornam o texto literário indígena multimodal, possibilitando uma interação entre palavra e imagem para construir significados ao leitor. "Gêneros multimodais são aqueles que envolvem mais de uma materialidade da língua,

ou seja, apresentam um entrelaçamento de diferentes modalidades de linguagens" (Lenharo, 2023, p. 126).

A literatura indígena desconstruiu o conceito tradicional de texto literário, ao usar como recurso o diálogo entre oralidade, escrita e grafismos, tornando o texto híbrido. "Compostas no intercâmbio entre oralidade e escritura, as textualidades indígenas revelam sua complexidade e seu caráter híbrido. Por isso, conduzem à releitura do que o cânone ocidental costuma considerar como texto literário" (Thiél, 2012, p. 36).

Os sistemas gráficos não são apenas decorativos nos textos indígenas, mas implica em entender o significado que se constrói com o texto escrito, caracterizando um texto multimodal. "O estudo da textualidade indígena deve levar em conta o entrelugar cultural dessa produção [...] composta entre a letra e o desenho, entre o olhar e a voz, altera a construção da linguagem poética e imprime estilos particulares à criação literária" (Thiél, 2012, p. 38). Assim, na obra literária indígena há informações importantes além do texto escrito, pois este se completa com as imagens e grafismos, nesse ponto o texto se difere das produções consideradas canônicas.

Dessa forma, entender a cultura do outro é um exercício importante para o conhecimento e reflexão sobre identidade. "A ampliação das lentes com as quais enxergamos o mundo nos leva a um aprendizado interior acerca de nossas próprias identidades em relação às dos outros" (Lenharo, 2023, p. 150). Sendo assim, as identidades individuais são multifacetadas levando em consideração o contexto diverso do qual se faz parte, ou seja, as práticas sociais são múltiplas e influenciam na construção da identidade.

Os textos multimodais circulam no cotidiano, como por exemplo, os memes, tirinhas e infográficos comuns em redes sociais, nos livros didáticos e apresentam um entrelaçamento de linguagens. Nesse perspectiva, a literatura indígena vem ganhando espaço aos poucos e sendo reconhecida como uma literatura multimodal, mas ainda precisa de mais destaque, as escolas possuem esse papel importante de divulgação e combate a estereótipos criados sobre os povos originários, "em face da lei 11.645/2008, que determina que a disciplina de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena seja inserida nos currículos das escolas brasileiras, a lacuna do desconhecimento da literatura indígena precisa ser preenchida" (Thiél, 2013, p. 1176).

Sob esse viés, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orienta e faz sugestões que os sistemas de ensino e as escolas coloquem em seus currículos, e que o trabalho pedagógico leve em consideração a diversidade cultural, “as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades, étnicas e culturais” (Brasil, 2018, p. 15).

Além disso, A escola pode levar o aluno a descobrir, ler e debater os textos produzidos pelos autores indígenas para ampliar sua visão de mundo, conhecer temáticas diferentes e aprender a valorizar a cultura do outro. “O papel da escola nesse cenário é, portanto, levar os alunos a compreender e reconhecer as diferenças como constitutivas dos ser humano, especialmente na contemporaneidade” (Lenharo, 2023, p. 149).

A leitura de um texto literário exige interação texto-leitor, o sentido irá se concretizar em um entrelaçamento cultural. “Para que crianças e jovens se tornem competentes leitores de diferentes textualidades, indígenas, africanas, por exemplo, as dimensões do processo de leitura precisam ser ativadas” (Thiél, 2013, p. 1188). Assim, o leitor precisa ter contato com novas construções discursivas, nesse contexto, insere-se o texto literário multimodal, o qual provoca uma nova experiência, ou seja, um novo diálogo com o texto.

Os multiletamentos possibilitam que o leitor seja também um construtor de significados que se subsidiam pelo entendimento da diversidade cultural e pela multiplicidade de linguagens, chamados de multimodalidade ou multissemiose presentes nos textos contemporâneos, os quais possuem multiletramentos, ou seja, são “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (Rojo, 2012, p. 19).

Observa-se na obra “Kurumi guaré no coração da Amazônia” (2007) do autor indígena Yaguarê Yamã uma forte resistência para manter viva sua cultura, seja nos ensinamentos pelos mais velhos, pelos grafismos ou pela valorização da língua indígena, apresentada em todos os capítulos e no glossário ao final da obra para que o leitor não indígena possa entender. O autor já inicia assim, “I katu´reté[3], amigos! (Yamã, 2007, p.

[3] Significa: Olá, tudo bem.

06), no último capítulo fala sobre seu povo Maraguá que “está organizado em seis clãs tradicionais: Tawató, Çukuyê, Aripunã, Piraké, Yaguaretê e Piraguá” (Yamã, 2007, p. 80).

A literatura indígena tem percorrido caminhos e seus autores estão divulgando sua cultura por meio da escrita, publicando histórias que antes só existiam pela transmissão oral. “O engajamento dos autores indígenas em publicar suas histórias em formato de livro é mais do que um movimento estético, é também uma estratégia política” (Prado, 2025, p. 41). Há em cada manifestação cultural particularidades e significados que são tecidos na formação de suas identidades culturais.

> É importante considerar como identidade cultural, uma busca permanente, em constante movimento e construção, que tem história, isto é, trava relações com o presente e o passado. A diversidade cultural é, por sua vez, um imperativo da contemporaneidade, pois ao mesmo tempo se sente, tanto a força da homogeneização e absorção, como da pluralidade e da diversidade e das formas locais de oposição e resistências (Montenegro, 2007, p. 51).

Portanto, o texto literário indígena além de ser responsável por divulgar culturas ancestrais e saberes apresenta também uma variedade multimodal e põe o leitor em contato com um novo formato de texto, que reúne uma série de significados culturais tão importantes para manter e expandir o conhecimento dos povos originários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os textos multimodais da obra “Kurumi Guaré no coração da Amazônia” do autor indígena Yaguaré Yamã serão analisados. Desse modo, inicia-se com um breve resumo sobre livro. A publicação do texto é de 2007 e é considerada autobiográfica porque mistura infância, fantasia e ensinamentos da cultura dos povos da Amazônia, sendo histórias da infância e pré-adolescência do autor. Assim, o livro é dividido em capítulos com histórias sobre os seres encantados como curupira, boto, boitatá (fogos-fátuos), tais elementos são apresentados como entidades que fazem parte da cultura Maraguá e coexistem com a vida indígena, e não são demonizados, são seres que vem trazer ensinamentos sobre a preservação das florestas e das espécies. “As florestas, que eram as casas das entidades...” (Yamã, 2007, p. 44).

ISSN: 2358-8829

Assim, observa-se esse aspecto importante na cultura Maraguá é que toda criança tem um espírito ou um ser protetor representado por um animal, o qual a protege em situações de perigo na floresta ou nos rios, "o pajé consultou os espíritos, dentre eles escolheram Tapirayawara, espírito das onças, para ser meu espírito protetor. Foi ele quem deu o meu nome, que significa tribo de onças pequenas" (p. 32).

No capítulo "O mais novo da turma", o autor conta uma situação que ele juntamente com seus parceiros vivenciaram nas aventuras pela floresta, e foi o espírito protetor de um de seus companheiros que os salvou do perigo ao tentar atravessar um lago nadando, "a Çukuyu'wéra, o espírito das águas, um dos coleguinhas entrou no lago e o seguimos..."(p. 20-21).

> Três grandes jacarés-açus também entraram na água e vieram em nossa direção. Tentemos fugir em alvoroço, porém Ara'ãmói, com calma, pediu para não recuarmos de maneira desesperada. Deveríamos nadar calmos e rodeando os jacarés, apenas com as cabeças de fora, sem rapidez. E não é que deu certo? Também se não desse... Mas ele era afilhado do espírito da água, por isso confiamos em sua ideia (p. 21).

O ensinamento desse capítulo é que não se deve voltar pelo mesmo caminho que você já encontrou algum perigo. "– Na floresta é assim: nunca devemos andar por caminho já trilhado. O perigo se duplica e os espíritos não perdoam quem não segue suas leis" (p. 21). As crianças devem aprender ainda pequenos tais ensinamentos importantes para a convivência no meio em que vivem.

A obra mostra muitos momentos de ensinamento dos mais velhos com as crianças, saber lidar com os perigos, conhecer a floresta e rios são formas de sobrevivência na cultura Maraguá, há aprendizados também de trançado ou cestaria que as crianças assimilam ainda na infância, a obra retrata muito sobre a diversidade cultural dos povos originários, "momento de ensinar era quando meu pai tecia algum yamaxy, com talas de warumã ou yasitara, e chamava os filhos para ensina-lhes as técnicas de teçume. Foi assim que aprendi com ele a cultura material de que tanto o meu povo Maraguá se orgulha" (p. 18).

Também as histórias contadas pelos mais velhos reforçam que a cultura está sendo repassada as outras gerações sendo uma das tradições mais antigas. "Na cultura indígena, particularmente a de meu povo e a da gente de minha região, histórias de visaje nos ensinam e nos preparam para enfrentar o mundo futuro que não conhecemos" (p.28).

ISSN: 2358-8829

durante a narrativa é retratada como ocorre os ensinamentos para as crianças, nessa passagem da obra ela está acontecendo pelas histórias que estão sendo compartilhadas com os menores de forma que obtenham um aprendizado após ouvi-las.

Na obra são descritas muitas histórias dos seres encantados da floresta, ou entidades como o autor cita. “O processo narrativo de tradição oral é constituído com base na repetição, que assegura a continuidade do que é relatado; contudo, repetição não está associada à imutabilidade, mas sim à reinvenção e atualização textual constante” (Thiél, 2013, p. 1180). A oralidade é uma forma mais antiga de se repassar a cultura as próximas gerações.

Nesse contexto, observa-se também a presença de muitas palavras indígenas como o próprio nome do autor Yaguarê Yamã significa tribo de onças pequenas, são utilizadas com intuito de nomear os personagens, o território, seria uma maneira de repassar conhecimentos linguísticos aos leitores, mas também é uma forma de empoderamento da cultura indígena em especificamente a Maraguá, assim como pode ser uma estratégia de resistência com o objetivo de manter viva a cultura de um povo e seus valores. A seguir um exemplo do uso pelo autor de palavras indígenas na obra. “Como toda religião tradicional, a Urutópiag tem os seus espíritos ligados a natureza [...] Eles moram num mundo invisível chamado Wihóg’pohá, mas, quando precisam se manifestar, aparecem pela floresta [...]’ (p. 32). Nesse trecho as palavras indígenas se referem aos espíritos da crença Maraguá.

O título da obra “Kurumi Guaré” significa tempo de menino, no capítulo do Ritual da Tukãdera mostra muitos exemplos dos termos indígenas na narrativa, “o sábio Kasawá-waçu. O pajé tinha como xerimbabo um belo Apinayé, gavião real, que seguia a todo instante” (p. 65). O autor cita “waperiá”, que seria o rito de iniciação o qual marca a passagem da idade infantil para a adulta.

Para os povos originários a língua portuguesa é segundo idioma, por isso a importância de manter na obra as palavras indígenas juntamente com os grafismos que reforçam a importância da cultura a qual pertencem. O contato com a literatura indígena nos leva a pensar, refletir e ao mesmo tempo proporciona “o encontro com este outro cuja relação com a terra, o divino, a ordem social, a história, as artes, problematiza nossa própria relação com estes elementos e com a nossa própria identidade” (Thiél, 2013, p. 1185). A ideia da autora dialoga com as palavras de Montenegro (2007, p. 49):

> A afirmação de uma identidade cultural se dá no confronto com outras identidades culturais (alteridade cultural), estabelecendo entre elas uma negociação que se processa pelo uso de estratégia diversa para reconhecimento e validação de seus saberes, valores, crenças, sistemas simbólicos, gostos estéticos, pautas de comportamento.

Há na obra de Yamã a presença de uma diversidade cultural, pois em todos os capítulos aspectos da cultura e ensinamentos são narrados para que o leitor conheça como a cultura Maraguá é rica em valores. “A diversidade cultural é uma característica da humanidade que cria seus próprios sistemas de valores, suas normas de conduta, seus conceitos [...] de certo e errado, justo ou injusto [...]” (Montenegro, 2007, p. 42).

O texto multimodal é uma das formas de multiletramentos que são características das obras literárias indígenas, os grafismos estabelecem essa conexão com as diferentes linguagens. “Entendemos, também, que a compreensão de textos multimodais demanda multiletramentos” (Rodrigues, 2022, p. 115). A prática do grafismo é ensinada na cultura Maraguá pelos mais velhos como relata o autor Yamã que foi ensinado pelo seu pai. “Entre várias, a arte de desenhar grafismos tradicionais de meu povo. Ele realmente cumpriu com seu dever. E assim como eu, toda criança Maraguá tem sua oportunidade” (p. 18). Sendo assim, as ilustrações e grafismos no livro “Kurumi guaré no coração da Amazônia” foram feitas pelo próprio autor.

Os grafismos aparecem em todos os capítulos da obra, nela há um glossário tanto das palavras indígenas quanto dos símbolos e grafismos que aparecem na narrativa, uma forma de mostrar para o leitor não indígena a compreensão da linguagem não verbal, importante na interação do texto multimodal.

> As obras indígenas, voltadas para o público infanto-juvenil e para o público maduro, apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos. Os grafismos indígenas constituem narrativas e devem ser valorizados por sua especificidade, podendo inclusive indicar a autoria do texto indígena, se coletiva/ancestral ou individual (Thiél, 2013, p. 1178).

Na obra de Yamã o capítulo “Encontrando meu espírito”, o autor ainda menino conhece seu espírito protetor que foi escolhido pelo pajé numa consulta aos espíritos.

ISSN: 2358-8829

“Meu pai me explicou também que nosso espírito protetor é nosso padrinho e ele intervém em todo momento em que estamos em perigo” (p. 32).

O texto da literatura indígena brasileira tem um elemento importante sua composição multimodal. “Isso significa que, ao lado da escrita alfabética, outros elementos compõem o texto, tais como elementos visuais/grafismos, que não são simples ilustrações” (Thiél, 2012, p. 87). O significado visual se junta com a narrativa escrita na qual o autor conta com detalhes esse momento importante da sua vida sendo uma experiência muito valiosa para a cultura indígena. “Agora tinha chegado a minha vez, e mais do que nunca precisava mostrar a todos que também era corajoso e forte” (p. 67). Resistir ao ritual da tucandeira representa uma vitória ao indígena, além de ser a passagem para a vida adulta. “Agora não era mais somente Yaguarê Yamã, tribo de onças pequenas [...] eu tinha me tornado Yaguarê Yamã, um respeitado adulto de minha nação” (p. 69).

Após a leitura do livro, os alunos mostraram na reflexão que entenderam a cultura indígena, porque cada criança Maraguá tem um ser protetor, como funcionam os ensinamentos dos velhos da aldeia, perceberam que as aventuras na floresta e nos rios são importantes para aprendizagem também para sobreviver e escapar dos perigos. Assimilaram que os grafismos fazem parte da história e ajudam a construir os significados textuais.

Dessa forma, foram mostrados como os multiletramentos estão inscritos nos textos do autor indígena Yaguarê Yamã, por meio das diferentes linguagens apresentadas nos textos do autor, as quais se caracterizam como multimodais. “a pedagogia dos multiletramentos leva em conta a diversidade cultural e o multilinguismo característico de uma sociedade cada vez mais globalizada” (Lenharo, 2023, p. 55). Assim, a linguagem visual, ou seja, os grafismos, torna-se um importante recurso para estabelecer a sentido levando a compreensão total do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os multiletramentos são prevenientes das mudanças no meio educacional devido ao avanço e influência da tecnologia. Nesse contexto, as práticas de linguagem passam por reformulações, as redes de ensino e as escolas precisam abordar as diferentes práticas de multiletramentos e reconhecimento da variedade de textos multimodais, a literatura

indígena contém elementos visuais como os grafismos, que auxiliam na compreensão textual. Além disso, possuem uma composição híbrida, culturais e identitários.

Os objetivos foram alcançados no artigo através da análise das diferentes linguagens encontradas na obra do autor Yaguarê Yamã e a diversidade cultural e identitária foi discutida no trabalho pelos autores lidos. O texto apresenta uma riqueza de saberes e ensinamentos tão importantes para se manter e ao mesmo tempo serem repassados as gerações futuras, mas não somente pela oralidade, agora as histórias indígenas estão eternizadas na escrita e nos grafismos no papel, não mais nas cerâmicas, tecidos, utensílios, como eram registrados no passado.

Nesse contexto, a literatura indígena foi trabalhada no ambiente escolar, possibilitando reflexões e identificação do público alvo com os saberes culturais, reconhecendo que os aspectos místicos explorados na narrativa fazem parte da realidade em que vivem, pois é comum ouvirem histórias semelhantes as narradas no livro. A obra enfatiza que a educação para o povo indígena ocorre na vivência com a floresta por meio do aprendizado com os mais velhos, mantendo assim, a valorização da identidade indígena.

Portanto, os multiletramentos levam em consideração a diversidade cultural e linguística ao ampliar o leque textual e as formas de interação entre texto e leitor, por terem características textuais híbridas, fronteiriças e mestiças ao transgredirem as relações de poder estabelecidas, principalmente sobre os textos cânones considerados pela literatura clássica, e também representa enfrentamento contra o poder hegemônico. Nessa perspectiva, a literatura indígena deixa de ser apenas representada pela visão do homem branco em obras literárias europeias e brasileiras para se tornar o indígena autor do seu próprio texto e história, construindo sua narrativa dando voz aos povos das florestas.

Palavras-chave: Literatura indígena, multiletramentos, diversidade cultural, PIBID.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional comum curricular**: Educação é a base. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Brasília, 2018.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. **Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação**. DOI: https://doi.org/10.21728. LOGEION: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LENHARO, Rayane Isadora. **Multiletramentos, tecnologia e aprendizagens**. Curitiba: Editora: Intersaberes, 2023.

MONTENEGRO, Márcia Maria Nunes. "**Professor caboclo**: Educando na diversidade para a diversidade". Manaus: BK Editora, 2007.

PRADO. Adassa Buschini, **Literaturas indígenas e indigenistas nos anos finais do ensino fundamental:** uma análise das coleções de língua portuguesa aprovadas pelo PNLD 2024 – Campinas, SP : [s.n.], 2025. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

RODRIGUES, Walace. **Reflexões sobre multiletramentos e textos multimodais em ambientes educacionais**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação – ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 16, n. 2, p. 107-119, mai./ago. 2022.

ROJO, Roxane Helena. **Pedagogia dos Multiletramentos**. In: ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo (org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

THIÉL, Janice Cristine. **A Literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora. A Literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

YAMÃ, Yaguarê. **Kurumi guaré no coração da Amazônia**, ilustrações do autor – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2007.